

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
ALLAN DWAN  
20 de Janeiro de 2022

**JOSETTE / 1938**  
**(A Falsa Josette)**

*Um filme de Allan Dwan*

Realização: Allan Dwan / Argumento: James Edward Grant, baseado numa peça teatral de Paul Frank e George Fraser por sua vez baseada numa história de Laszlo Vaday / Direcção de Fotografia: John J. Mescall / Direcção Artística: David S. Hall, Bernard Herzbrun e Thomas Little / Música: Walter Scharf / Som: W.D. Flick e Roger Heman / Montagem: Robert Simpson / Interpretação: Simone Simon (Renee Le Blanc, “a falsa Josette”), Don Ameche (David Brassard Jr), Robert Young (Pierre Brassard), Joan Davis (May Morris), Tala Birell (a “verdadeira” Josette), Lynn Bari (Elaine Dupree), Bert Lahr (Barney Barnaby), William Collier (David Brassard Sr), Paul Hurst (Adolphus Heyman), William Demarest (Bill), etc.

Produção: Twentieth Century-Fox / Produtores: Daryl F. Zanuck e Gene Markey / Cópia: 16mm, preto e branco, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 73 minutos / Estreia em Portugal: 9 de Novembro de 1938.

\*\*\*

**Josette**, segundo rezam notícias da época, não era para ter sido realizado por Allan Dwan. O realizador indigitado era outro velho baluarte da indústria (mas bem menos notável do que Dwan), Sidney Lanfield. Por alguma razão que as informações disponíveis não explicam, Lanfield afastou-se ou foi afastado mesmo nas vésperas da rodagem, e Dwan, por esta altura já habituado a servir de pau para toda a obra na Fox, avançou, quando faltava uma semana para se filmar o primeiro “take”. Josette tornou-se assim no terceiro filme realizado por Dwan em 1938 (os outros, também presentes no Ciclo, foram **Suez** e **Rebecca of Sunnybrook Farm**), e o quarto em que trabalhou (**The Battle of Broadway**, creditado a George Marshall, teve também o dedo de Dwan, embora o genérico não o reconheça).

**Suez** era uma produção com algum grau de ambição, e **Rebecca** contava com uma vedeta de grande popularidade (Shirley Temple), pelo que **Josette**, sem ambição quase nenhuma e também sem vedeta comparável a Temple (Ameche, Young e Simon eram actores bastante conhecidos, mas ninguém ia ao cinema só para os ver), facilmente fica como o menos importante dos filmes de Dwan no ano de 1938, numa perspectiva “industrial”. A substituição do realizador à última hora não foi, aliás, o único problema de produção de **Josette**, visto que também há registos de, por doença de Simone Simon, a rodagem ter estado algumas semanas interrompida. Simon, de resto, é uma boa maneira de pegar no filme. Corresponde à primeira passagem da actriz francesa por Hollywood, que assim se concluiu sem grande brilho e ainda menos glória. Voltaria à Europa logo a seguir a **Josette**, ainda a tempo de entrar – neste mesmo ano de 1938 – num dos grandes títulos da sua carreira, **La Bête Humaine** de Jean Renoir. E voltaria a Hollywood uns anos mais tarde, para o papel americano em que toda a gente mais a lembra, no **Cat People** de Tourneur (e depois na sua sequência dirigida por Robert Wise, **The Curse of the Cat People**). Como se pode ver neste filme de despedida temporária, o seu regresso ao cinema americano fez-se totalmente em contratipo, em maravilhoso contratipo.

Porque o “tipo” de Simon tal como **Josette** o encena não era, de facto, o mais entusiasmante. A modéstia “mignonne” dos seus modos não deixa entrever quase nada dos sombreados com que

Tourneur, quatro anos depois, cobriria a sua imagem, e o filme também não lhe dá espaço para isso. É uma protagonista, mas é uma protagonista “apagada”, em todos os sentidos da expressão – até o título tem o nome de outra personagem, porque Simon é a “falsa Josette”, a aspirante a cantora que faz as vezes da verdadeira Josette (porque *the show must go on*) quando esta (Tala Birell) se vai embora inopidamente para fazer um casamento que ela pensa ser milionário. Comédia de aparências e máscaras, Josette tem muitos aspectos típicos da sua época, sobretudo esta constante ilusão e decepção em que vivem as personagens. Ameche e Young *pensam* que Simon é a arrivista que se quer casar com o pai deles; Simon *pensa* que o interesse de Ameche e Young por ela se deve exclusivamente aos seus dotes; a “verdadeira” Josette *pensa* que o velho Brassard é milionário, e o velho Brassard, por sua vez, *pensa* que a verdadeira Josette está apaixonada por ele e não pelo dinheiro que julga que ele tem.

Claro que todos *pensam* mal, e o filme vive destes sucessivos *pensamentos* e do seu choque, passo a passo, com a realidade, numa narrativa que é extremamente familiar, visto este tipo de lógica ser característico de tanta comédia americana dos anos 30, e sobretudo nos filmes de um realizador de que já não é a primeira vez que nos lembramos a propósito das comédias de Dwan, Ernst Lubitsch. Mas as comparações, até por respeito com Dwan, devem parar aí, na superfície, porque nunca Josette mergulha na perversidade dos melhores exemplos do género (mesmo os números musicais com Simon são bastante desinspirados). É um filme de rotina a 100%, Dwan a tapar buracos do estúdio. Dizer isto não é menorizar o interesse do filme, é avivá-lo. Porque mais uma vez neste género de filmes o que faz o interesse do visionamento de **Josette** é ver como Dwan, de fatomacaco de artesão da Fox, resolve a encomenda. E é ver como ele mantém o ritmo, como as cenas não perdem tempo, como os diálogos se aceleram, como – e isto é muito dwaniano – o trio protagonista relativamente desenhado é compensado pela riqueza dos secundários: Tala Birell (a cena em que descobre que o noivo não é nada rico) a explorar uma maldade que não por ser estereotipada deixa de ter graça, a extroversão de Joan Davis, Bert Lahr (um ano antes de ser o leão do **Wizard of Oz**), o bêbedo de Paul Hurst...

Luís Miguel Oliveira